XERFAS

nº 12 - 2ª jeira vozeiro nacional de briga verao 2013 preço: 1€

Destaques

entrevista
analise
falamos as jovens
reportagem

ademais....

falam os velhos
atividade
xerfas recomenda
24 julho. jrj
noticias breves

Colecçom:
XERFAS, Vozeiro Nacional

nº 12 - 2ª jeira
verao 2013

www.briga-galiza.org
nacional@briga-galiza.org
facebook, tuenti e twitter

índice

editorial	4	
notícias breves	7	
atividade	10	
análise	14	Novas modificaçons legislativas sobre o trabalho juvenil socializam os custos devidos da patronal
jornada rebeliom juvenil	20	A independência o nosso caminho. A rebeliom o nosso direito
reportagem	24	De Marx para a juventude. 130 anos depois, a sua vigência é inquestionável
entrevista	35	Ernai
falamos as jovens	44	Segregaçom sexista no desporto
falam @s velh@s	48	Valério Arcary
xerfas recomenda	52	

editorial

A juventude galega recebe umha nova ediçom do Dia da Pátria sob um panorama caraterizado pola sangria crescente de jovens forçad@s à emigraçom; por um desafio descarado à preservaçom dos nossos espaços naturais com a pretensa destruiçom do nosso território por meros interesses económicos; polos ataques ao ensino público; ou polas agressons aos direitos reprodutivos das jovens que se pretendem recolher em novas reformas da lei do aborto. Um panorama muito adverso que coloca a juventude no principal alvo das novas agressons promovidas polos governos autonómico da Junta e espanhol do Partido Popular.

A emigraçom constitui a única saída a que umha parte importante da juventude galega se vê forçada a tomar devido aos altos índices de desemprego juvenil que imperam, adquirindo a condiçom de estrutural e inerente às próprias contradiçons da compra-venda de força de trabalho polo capital.

Um desemprego juvenil estrutural que unido a umha precarizaçom cada vez maior das condiçons sócio-laborais que

atingem a juventude trabalhadora, conseqüência das contínuas reformas laborais às que está submetida, dificulta em grande medida a emancipaçom das e dos jovens do leito d@s progenitores, impedindo abrir um projeto de futuro com novas perspetivas.

O capital, ainda em crise, nom pode deter a sua vorágine, e ansia espoliar novos recursos para seguir fazendo progredir a sua taxa de ganho, evitando que retroceda. Os seus governos lacaios facilitam a materializaçom dos seus interesses. Os pretendidos planos da abertura de minas em que multinacionais fagam negócio com a extraçom dos nossos recursos deixa em evidência a necessidade apremiante de exercermos a soberania em direçom à nossa independência plena a nível económico e político.

Os governos presididos por Feijó e Rajói nom vam impedir que os projetos da burguesia se detenham para continuar abrindo novas vias de avanço sobre as conquistas históricas de direitos sociais atingidas polo povo trabalhador em anos de luita. É assim que nom vam parar com os ataques a direitos essenciais para a maioria social como som o ensino e a sanidade.

A enéssima reforma da lei educativa (LOMCE) promovida polo infame ministro Wert só beneficia os interesses do espanholismo, das grandes empresas e os setores ultraconservadores e reacionários. A resposta na rua já se fixo ver nos últimos meses porque impede o estudantado do povo trabalhador seguir desenvolvendo as suas capacidades científicas e técnicas, porém a mobilizaçom contra esta reforma segregadora e elitista tem que continuar até tombála. A reconsideraçom dalguns conteúdos do projeto de lei introduzidos ultimamente polo próprio Wert demonstram que a presom nas ruas sim pode influir na "alta política".

Outro tanto com a pretensa reforma da lei do aborto, num novo desafio descarado e de caráter reacionário que tem convertido o PP no abandeirado das agressons aos nossos direitos reprodutivos. Da mesma maneira que as mobilizaçons contra a LOMCE, a luita pola nossa capacidade de decisom sobre os nossos corpos deve dar-se na rua, espaço onde se deve manifestar o rechaço rotundo a esta reforma que pode fazer retroceder em décadas as vitórias atingidas polo movimento feminista. Também aqui, malia negá-lo continuamente os "políticos profissionais", tem-se advertido que a política na rua, a presom

popular, fai recuar mesmo aos envalentonados do PP que operam com maioria absoluta nas cortes espanholas.

A única resposta que se pode oferecer na atualidade ante este panorama adverso para os interesses da maioria social trabalhadora e a sua juventude, é o de lograr conter as brutais agressons das quais somos objeto de maneira ininterrompida. Há que pará-los!! A força do povo trabalhador é a única capaz de lograr deter estes ataques. E nesta, o músculo e pulo da sua juventude devem jogar um papel protagónico.

A rebeliom é um direito a exercitar sem mais dilaçom nas atuais condiçons. A juventude galega deve erigir-se em juventude rebelde, que ultrapasse a mera condiçom de indignada a outra superior, autoorganizada e com capacidade de autodefesa e transformaçom, com as suas demandas específicas como programa e mantendo a independência nacional, o socialismo e o feminismo como indiscutíveis eixos de força.

De BRIGA consideramos, desde a medida das nossas capacidades, oferecer esse necessário espaço, onde poder canalizar a rebeldia e combativdade que centenas de jovens expressam nas ruas, dando-lhe forma e sentido, para sentar os alicerces dum sólido movimento juvenil a desenvolver que logre resistir e vencer os ataques que continuamente nos infringe Espanha e o capitalismo.

– Em defesa d@s independentistas. Solidariedade! –

– Concelho Compostela anima juventude a emigrar –

– Apresentada a Plataforma Pró-Oficialidade Galega –

– A juventude galega é contra a destruiçom do território –

em poucas palavras
breves

Em defesa d@s independentistas. Solidariedade!

Pasados 24 e 25 de junho decorreu o julgamento na Audiência Nacional espanhola contra Antom, Maria, Teto e Eduardo. Quatro jovens independentistas acusad@s de diversos delitos entre os quais pertença a banda armada, cuja determinaçom depende do tribunal especial que @s julgou.

A excepcionalidade da Lei Antiterrorista espanhola de PP-PSOE, internacionalmente polémica, além das medidas de isolamento, dispersom, e prática habitual de torturas por parte das forças repressivas do estado, sistematicamente recolhidas nos relatórios de entidades dependentes da própria ONU, colocam o movimento social patriótico numha conjuntura em que a defesa das pessoas processadas nom formula nengumha dúvida ética: é umha obriga estar com @s que som perseguid@s por luitar.

É por isso que BRIGA aderiu ao "Manifesto solidário com @s independentistas julgad@s em Madrid", junto com outras mais de 40 entidades nacionais. Pode-se ler integramente no nosso web.

Concelho Compostela anima juventude a emigrar.

A concelheira de Juventude de Compostela, Rebeca Domínguez e o vice-reitor da USC, Francisco Durán, anunciavam no mês de maio a colaboraçom entre a concelharia de Juventude e a embaixada de Canadá para favorecer os trámites legais que permitam que jovens galegas/os podam marchar como mao de obra barata ao Estado do continente americano. Para isto organizárom um ato público 29 de maio em que se animou a moç@s de entre 18 e 35 anos a marchar a Canadá para vender precariamente a sua força de trabalho.

Esta é a soluçom que a cámara municipal, corrompida e ladroa, propóm para umha juventude que ante a falta de perspetivas se vê forçada à migraçom como única saída a um futuro de miséria no nosso país.

JOVEM, NOM EMIGRES QUE SE VAIAM ELES!!

A juventude galega é contra a destruiçom do território

Avança o projeto da canadense Edgewater de instalar umha mina a céu aberto na comarca de Bergantinhos. Galiza volta a sacudir-se açoutada polo temor à venda do nosso território, dos nossos recursos naturais, a umha empresa de capital transnacional que se enriquece desfazendo o hábitat de milhons de espécies polo planeta adiante.

Por isso a juventude trabalhadora galega deve posicionar-se em contra da mina de Corcoesto, já que esta nom é mais que miséria sobre miséria. É jogar com a desesperança dum povo para aproveitar-se dele. A nós nom nos beneficia. Somos o futuro de Galiza, e nom a queremos emporcalhada.

Apresentada a Plataforma Pró-Oficialidade Galega.

Pasado 11 de maio, em Lugo, coincidindo com o partido de rugby Galiza-Euskadi, foi apresentada por Siareir@s Galeg@s a Plataforma Pró-Oficialidade Galega acompanhada por ESAIT (EH) e Pro-seleccions Esportives Catalanes (Països Catalans).

Esta plataforma caminhará da mao de Siareir@s Galeg@s para entre tod@s conseguir o objetivo comum da oficialidade a todos os níveis e diciplinas desportivas para o nosso País.

atividade

briga na rua

– Apresentada publicamente mobilizaçom juvenil independentista unitária para 24 de julho –

– BRIGA participou no Gazte Danbada e no nascemento de Ernai, organizaçom juvenil da esquerda abertzale–

– BRIGA estivo no Bloco Laranja –

– Realizados concertos em Vigo e Corunha –

Apresentada publicamente mobilizaçom juvenil independentista unitária para 24 de julho

Jovens militantes apresentárom na Praça de Praterias de Compostela 2 de julho o manifesto e a convocatória unitária de manifestaçom que decorrerá este 24 de julho em Compostela como jornada prévia ao Dia da Pátria. A já tradicional jornada patriótica de formato juvenil, será-o nesta ocasiom numha dimensom inédita.

"Mocidade galega erguendo o seu futuro: INDEPENDÊNCIA!" será a resposta galega em forma de legenda a espalhar por Galiza toda. Adiante, Agir, AMI, BRIGA, Comités, Galiza Nova, Isca! e LEGA. Somos as oito entidades que temos organizado em rolda de imprensa ao ár livre na capital do país a próxima cita independentista. Umha mobilizaçom unitária histórica em que confluirá a prática totalidade da juventude organizada na esquerda nacionalista ou independentista da Galiza.

BRIGA participou no Gazte Danbada e no nascemento de Ernai, organizaçom juvenil da esquerda abertzale

Fomos muitas as jovens que procedentes de diversos países e naçons sem estado assistimos a este multitudinário encontro para dar as boas-vindas ao novo projeto juvenil basco e desfrutar dum completo programa que combinando estreitamente diversom e formaçom, permitiu-nos conhecer melhor a realidade doutros povos e afondar na necessária solidariedade internacionalista.

BRIGA estivo no Bloco Laranja

Domingo 27 de janeiro decorreu na capital do nosso país mais umha manifestaçom contra a ofensiva em curso que Espanha mantém contra a nossa língua. Milhares de pessoas secundárom a mobilizaçom convocada pola plataforma Queremos Galego mália a chuva que acompanhou quase todo o percurso.

Realizados concertos em Vigo e Corunha

Até dous concertos em Vigo e um na Corunha realizárom os Grupos de Base de cada cidade com o fim de angariar fundos para a campanha antirepressiva que BRIGA pujo em marcha há poucos meses. Desde aqui agradecemos mais umha vez tanto aos grupos como a gente que assistiu, a sua participaçom nestes eventos.

análise

Novas modificaçons legislativas sobre o trabalho juvenil socializam os custos devidos da patronal

A começos de junho, a ministra de emprego Fátima Báñez afirmava que a crise se acabará no estado espanhol em 2014. A eufória polos dados do mês de maio, dados alcistas na criaçom de emprego como adoita acontecer no derradeiro mês da primavera, parecem ter desatado o optimismo na equipa de go-

ras da discrecionalidade patronal sobre os históricos direitos adquiridos pola classe obreira.

Assim, em meses estivais vinculados com a criaçom de emprego precário estacional, com umhas cifras dificilmente pioráveis de desemprego, as maiores

verno. Entre tanta miséria e corrupçom, nom é descartável que Rajói e companhia tenham perdido o hábito de digerir boas novas, e se embebedassem com excesiva rapidez ao tragar esta pílula estatística.

Longe das suas eufórias eleitoralistas, a reduzida criaçom de emprego deve compreender-se no começo da época estival, na margem limitante do desemprego quase estrutural superior a 25%, e nas constantes medidas favorecedo-

de toda a UE, e após duas brutais contrarreformas laborais, somadas a diversas iniciativas legislativas flexibilizadoras das relaçons laborais em favor da burguesia, nom é de estranhar que as cousas virem e estatisticamente se produçam fluxos de criaçom de emprego.

Deveremos perguntar-nos, chegado o dia em que a tendência destrutiva de emprego se atenue ou paralise, em que percentagem social de desemprego e a que preço se tem freado. Por

exemplo, se como promete a ministra de emprego, para 2014 se reduz ou paralisa a cifra de desempregad@s, antes de lançar-nos a celebrar nada, mesmo antes de continuar a luitar pola recuperaçom de emprego digno na nossa terra para tod@s, deveremos refletir sobre quantos direitos teremos perdido, quanto teremos cedido, quantas concesons terá feito por nós o sindicalismo patista do regimem, quantas vidas se terám perdido no frio da desesperança, quanto sofrimento aturado, quant@s amig@s e familiares marchado... E sobre todo, quem o tem padecido, e quem nom o tem padecido em absoluto.

Porque os dados objetivos sinalam um panorama que a pouc@s chamará a atençom: as camadas poboacionais mais ricas tenhem aumentado a sua detentaçom percentual de riqueza sobre o PIB do estado, e as mais pobres tenhem-no perdido. É dizer, a crise tem servido como um mecanismo de estafa, de roubo, de saque e de agudizaçom da exploraçom, das contradiçons de classe. Da luita entre estas, desgraçadamente, estamos sendo derrotadas as maioritárias classes populares. Derrotas frente a umha ofensiva burguesa que, amparada no shock permanente do povo trabalhador sem liderado revolucionário, golpeou com duríssimos embates. As perdas deverám virar em novas luitas por recuperar o terreno perdido ou, do contrário, as derrotas continuarám e o reparto da riqueza fluirá do mundo do trabalho ao capital, engordando os poderosos e precarizando as condiçons de trabalho, saúde, educaçom, proteçom social, acesso à cultura e direitos das mulheres, jovens, migrantes e idos@s.

Identificar o problema, o primeiro passo

No nosso labor formativo importa reconhecer que existem mecanismos concretos, específicos, materiais e tangíveis de transformaçom da realidade contra o nosso interesse. Às vezes, umha nebulosa de cifras, dados macroeconómicos e falta de educaçom económica nos situa numha frsutrante posiçom de indefensom para construir um discurso. Um discurso que detete onde estám as "cousas" que nos prejudicam, e a partir daí saber o que perdemos, porquê o perdemos, e por onde dirigir a luita para mudar essas "cousas".

De BRIGA queremos pois contribuir para que a juventude galega saiba onde, dentro desse imenso aparelho jurídico-político da burguesia espanhola que é o estado, se encontram as armas com que os nossos inimigos implementam umha realidade opressora. Isso que se chama "direito" e que regula as relaçons sociais perpetuando um modelo socioeconómico concreto: o capitalista.

Sabias por exemplo algo sobre o conteúdo da última reforma laboral, a pu-

blicada em fevereiro de 2012 no BOE após ser aprovada no parlamento espanhol pola maioria esmagadora do PP? Esta Lei, que foi continuidade da anterior reforma laboral do governo de Zapatero, igualmente imposta utilizando a câmara de representaçom institucional parlamentar, legalizava condiçons de desigualdade para as rendas do trabalho, que continuam a ser o meio de vida essencial da maior parte da populaçom galega. Seguro que ouvistes algo assim. Mas onde estám tamanhas injustiças? Nos últimos números da nossa publicaçom nacional tratamos estas (contra)reformas. Lembramos-vos por exemplo que o seu conteúdo autorizava barbaridades como:

- Despedir 10% do pessoal com dous trimestres de descenso nos benefícios em empresas de mais de 100 trabalhadores/as.

- Despedimento legal por ausência justificada de 8 dias por doença comum num período de 2 meses ainda que o absentismo na empresa for de 0%.

- Reduçom das indenizaçons por despedimento improcedente de 45 dias/ano trabalhado com máximo de 42 mensalidades a 33 dias/ano trabalhado com máximo de 24 mensalidades.

- Supressom de salários de tramitaçom salvo nos casos de opçom por readmisom incentivando portanto que nom se readmita @ trabalhador/a.

Lembras algo de todo isto? De aqui vem a nossa miséria. De aqui vem que o dia de amanhá, talvez, se poda lograr construir emprego. A pergunta é, portanto, que emprego? A que preço? Quem ganhou e quem perdeu com a

crise, e quanto ganhárom uns, e quanto perdemos @s que trabalhamos.

Pois bem, nos últimos meses o governo de Madrid tem aprofundado na sua agenda (contra)reformista colocando as alavancas dumha nova regulamentaçom laboral, agora, dirigida ao trabalho juvenil. A escusa é perfeita: o desemprego juvenil é imensamente superior ao adulto. As medidas? Na linha liberal das anteriores, favorece todo movimento patronal para incrementar benefícios a costa das condiçons de empregabilidade que nos podem impor.

O Real Decreto "para a apoio ao emprendedor, estímulo do crescimento e da criaçom de emprego" está especificamente criado para menores de 30 anos, essa faixa etária cujo setor trabalhador padece um desemprego inédito e em alça na Galiza, à volta das 80.000 pessoas menores de 30 anos demandando emprego a finais de 2012 (e a cousa tem piorado desde entom). 49,7% da juventude galega segundo o INE.

Contempla as seguintes modificaçons. Muitas delas des-

carregam no erário público subvencionado alguns dos gastos ordinários da patronal, eludindo que esta tenha que abonar a sua parte à seguridade social.

1. Contrato vinculado à formaçom:

• Nome traiçoeiro. Pois no seu articulado permete que a empresa nom se ocupe da formaçom. Esta poderá remitir-se à dos serviços públicos ou qualquer outra entidade que o acredite, beneficiando-se desta sem ter que custeá-la.

• Nunca poderá ser superior a 50% da jornada ordinária a tempo completo. E já sabemos que se passa com a formaçom nas empresas... que se deixa para quando marches para casa em horário nom laboral.

• Em pleno espólio das pensons públicas, o governo autoriza a bonificaçom pública de 75% ou 100% da quotizaçom empresarial à seguridade social por 12 meses prorrogáveis por outros 12.

2. Contrato de primeiro emprego:

• Para jovens sem experiência laboral ou com menos de três meses.

• Contrato temporário e parcial de 3 a 6 meses prorrogável até 12 meses.

• A conversom do contrato em indefinido suporá bonificaçom com cargo à seguridade social durante 3 anos de 500 euros a 700 euros anuais.

3. Nova modalidade de contratos em práticas para o primeiro emprego:

• Suprime-se a limitaçom dos 5 anos desde a limitaçom dos estudos; agora poderás ser contratado em práticas eternamente!

• Reduçom das quotas empresariais entre 50% e 75%.

4. Alarga-se intervençom das ETT

• As ETT poderám assumir a carga formativa ou concertar contratos com terceiras empresas para se ocuparem disto nos contratos de formaçom e de aprendizagem.

5. Empresas privadas gestionarám contrataçom pública

• Tal como soa, os serviços públicos de emprego poderám recorrer a empresas para facilitar a mediaçom e colocaçom laboral. Ou seja, a administraçom encarregada da gestiom do emprego subcontratará com dinheiros públicos o seu trabalho a empresas privadas. Um frente aberto para facilitar ainda mais a corrupçom!

IX jornada de rebeliom juvenil '13

a independência o nosso caminho

24 de julho, Compostela

a rebeliom o nosso direito

manifestaçom nacional unitária

da mocidade da esquerda independentista e nacionalista galega

20 hrs desde a alameda

concerto

23 hrs campus sul da USC

frente a engenharia química

- atzembla
- os tres trebóns
- fracasados de antemano
- rebeliom do inframundo

Bruza

manifesto da ix jornada de rebeliom juvenil

a independência, o nosso caminho. a rebeliom, o nosso direito

Mais um ano, a juventude do povo trabalhador galego enfrentamos o Dia da Pátria com a necessidade de fazer deste, umha jornada de reivindicaçom na que todas e todos os jovens rebeldes da Galiza, ocupemos as nossas ruas para afirmar unamimemente que queremos a Independência para o nosso país.

Num contexto profundamente marcado pola duríssima ofensiva neoliberal que o governo espanhol e os seus emissários na Junta, continuam a implementar ao compasso da ameaçante batuta da UE, FMI e BCE, constata-se como a juventude trabalhadora galega padecemos de jeito especialmente agudo as consequências dum sistema em declínio que precisa de perpetuar-se estendendo a precarizaçom da maioria social.

Menos juventude e menos emprego é o grave diagnóstico dumha naçom que nos últimos anos tem experimentado umha drástica aceleraçom do desmantelamento do seu tecido produtivo e umha alarmante precarizaçom das relaçons laborais, tendo como consequência a emigraçom massiva de milhares de jovens.

Denunciamos por tanto esta situaçom como um dos principais problemas que padece a juventude trabalhadora galega e, por extensom, o nosso país, que experimenta a perda progressiva de populaçom jovem, colocando a Galiza numha preocupante crise demográfica.

Milhares de moças e moços galegos fogem do desemprego e a precariedade laboral, da miséria que supom a negaçom de necessidades e direitos básicos como a sanidade e a educaçom pública ou a vivenda. Fogem desesperadamente das consequências da imposiçom dum sistema económico criminal num país incapacitado para decidir, sem

ferramentas de defesa, dada a nossa situaçom de submetimento a Espanha.

Espanha, esse regime apodrecido e corrupto, em contínuo e acelerado processo de descomposiçom, continua agindo como imprescindível estrutura de dominaçom ao serviço do Capital. É por isso que a burguesia está a implementar umha planificada ofensiva espanholista que, tendo como alvo principal a juventude, pretende impedir a progressiva implantaçom do independentismo nas naçons oprimidas do Estado.

Este plano uniformizador materializa-se de jeito claro e contundente na LOMCE, lei educativa que, para além de supor a elitizaçom definitiva e portanto a privatizaçom do ensino público, constitui umha estratégia de adoutrinamento espanholista que afunda no processo de assimilaçom linguística e cultural da juventude galega.

Esta ofensiva é completada com a brutal repressom e criminalizaçom do independentismo galego e das luitas populares, donde de novo os e as jovens conscientes e combativas somos vítimas da saída autoritária que Espanha está a ter para quem nom dançamos ao compasso do fascismo e a obediência cega.

Hoje, constatamos como a burguesia se prepara para tempos convulsos procurando novas fórmulas mas também aferrando-se e reforçando laços com velhos aliados.

Assim, assistimos a um preocupante rearmamento do patriarcado, ao avanço da normalizaçom da violência machista e do integrismo católico, à anulaçom dos nossos direitos reprodutivos e sexuais, à moldagem dos nossos corpos e à imposiçom dum rol do que nunca quigérom que nos afastássemos.

Diante deste alarmante quadro que padecemos como mulheres, como povo e como classe, a juventude revolucionária galega organizada em BRIGA reafirmamos a independência nacional como umha necessidade e nom umha opçom e valoramos a urgência de que o amplo conjunto de jovens galegas/os rebeldes e conscientes tomemos as ruas para rachar com esta opressiva realidade.

Nas ruas é donde nos corresponde dar a nossa batalha emancipatória, desafiando as medidas anti-populares do atual governo neoliberal, alargando o nível de confronto com Espanha, o Patriarcado e o Capital e configurando umha verdadeira rebeliom juvenil que faga tremer os cimentos desta decadente sociedade.

É um direito rebelar-nos contra Espanha como caminho imprescindível para romper com todas as estruturas de dominaçom e construirmos a nossa alternativa que nom será outra que umha Galiza Independente, Socialista e Feminista.

Exerçamos o nosso legítimo direito à rebeliom e digamos-lhe a Espanha que nom lhes pedimos a Independência, mas que já estamos em caminho de conquistá-la!

reportagem

De Marx para a juventude. 130 anos depois, a sua vigência é inquestionável

De Marx para a juventude. 130 anos depois, a sua vigência é inquestionável

Na tarde do dia 14 de março de 1883, portanto há exatos 130 anos, sentado na sua cadeira de descanso, Karl Marx fechou os olhos pola última vez. O cérebro que desvendou as leis fundamentais do desenvolvimento histórico; que revelou o mecanismo de funcionamento da sociedade capitalista e o seu sistema de exploraçom; e que encontrou no proletariado moderno, organizado em classe dominante, a possibilidade de superaçom da pré-história na qual a humanidade se encontra presa, este cérebro apagou-se para sempre.

O seu amigo Friedrich Engels, que estava com ele nestes últimos dias para ajudá-lo a suportar as dores dum tumor no pulmom e outras complicaçons, saiu da sala por menos de dous minutos e, quando voltou, Marx já nom vivia. O proletariado mundial perdera o seu maior mestre.

Pouco mais dum ano antes, no final de 1881, morrera Jenny, a sua companheira; e, antes dela, em diferentes situaçons, quatro dos sete filhos que tiveram. Com os seus seres queridos morrendo por falta de remédios ou tratamento adequado e com a sua própria saúde debilitada, o que lhe impedia realizar um amplo trabalho intelectual e político, os últimos anos da vida do grande homem fôrom particularmente tristes e dolorosos.

Apesar de ter vivido numha inquietaçom intelectual permanente até o seu último dia, o fundamental da obra de Marx já estava feito quando ele morreu. Ele completara o primeiro tomo d' O Capital, a sua obra magistral, e deixado suficiente material para que o seu amigo Engels editasse os dous tomos seguintes.

Marx fundara, inspirara e dirigira com maos de ferro a Associaçom Internacional dos Trabalhadores (conhecida de-

pois como I Internacional), que por sua vez cumpriu um papel decisivo durante os dias da Comuna de Paris, em 1871, quando o proletariado se apoderara da cidade-luz, montara um governo proletário, de tipo comuna, e dirigira a capital francesa por dous meses, até ser afogado em sangue pola reaçom burguesa.

Anos antes, Marx já tinha sido umha figura central na Revoluçom de 1848, que explodiu em quase todo o continente europeu e estabeleceu umha democracia burguesa limitada na Alemanha, tornando-se a partir dai um líder político reconhecido por todos os movimentos de trabalhadores da Europa.

Assim, o filósofo era também um dirigente e organizador revolucionário: percorria países, reunia operárias/os, explicava-lhes os segredos de sua exploraçom, entusiasmava jovens e movia-as/os consigo.

O judeu de cabelos negros e grossos, de corpo robusto e movimentos lentos, tinha também um grande amigo: Friedrich Engels, com o qual colaborou por mais de 40 anos, elaborando com ele, ainda no início dos anos 1840, umha crítica demolidora de toda a filosofia alemá, predominante no meio intelectual europeu daqueles dias. Desta destruiçom criadora, surgiu a conceçom de homem e de história que mudaria a face da Terra para sempre: o socialismo científico, a filosofia da praxe.

Quando jovem, Marx era sentimental e apaixonado, e queria ser poeta. O seu quarto na residência estudantil da Universidade de Bonn, sujo e mal iluminado por umha lámpada na qual quase sempre faltava o óleo, era repleto de poemas à sua amada Jenny. Mas no cérebro do jovem Marx já fervilhavam os ideais de justiça e liberdade, aos quais mais tarde ele daria forma científica. "O demo vive no seu peito", costumava dizer o seu carinhoso e preocupado pai. Em 1835, aos 17 anos, na sua redaçom final para o exame de ginásia, Marx escreveu: *"Se escolhermos uma profissom onde pudermos trabalhar polo bem da humanidade, nom nos submeteremos perante as suas dificuldades porque será um sacrifício em nome de todos. Nom sentiremos umha alegria limitada, egoísta e pobre. Ao contrário, a nossa felicidade pertencerá a milhons. Os nossos atos terám umha existência silenciosa, porém eterna, e sobre as nossas cinzas os mais nobres homens derramarám lágrimas sinceras".*

Este homem viveu toda a sua vida de acordo com estes princípios estabelecidos por ele mesmo ainda na sua tenra juventude. E sobre o seu túmulo derramárom as suas lágrimas decorosos/as homens e mulheres da ciência e da política, mas também modestos/as operários/as, jovens estudantes e rebeldes.

130 anos depois de sua morte, todo/a jovem rebelde consciente deve saber que existiu tal homem e que a sua vida

foi dedicada total e absolutamente à luita polo fim da exploraçom e da opressom; que as suas ideias seguem válidas hoje e ainda inspiram e seguirám inspirando muitas geraçons de jovens revolucionários/as.

A vida de Marx ensina-nos que, separadas da prática, as ideias nom contenhem, por si só, qualquer verdade e que nengum sacrifício é demais quando se tem ao seu lado a razom histórica; quando a causa a que se serve é a causa do verdadeiro progresso humano; quando a luita que se trava está para além de seu lugar e seu tempo.

Como dixo Friedrich Engels no enterro de seu grande amigo: *"Ele morreu respeitado, amado e com a morte lamentada por milhons de trabalhadores revolucionários, desde as minas siberianas, pola Europa e América, até a costa da Califórnia. E eu ouso dizer com orgulho que apesar de ter tido muitos oponentes, nom conheceu um único inimigo pessoal. O seu nome viverá através dos séculos, assim como a sua obra."*

- O jovem Marx

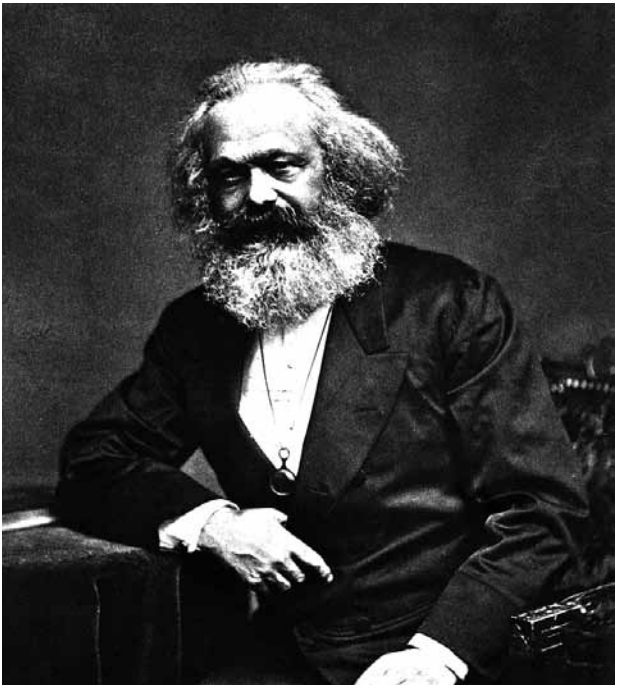
Com apenas vinte anos de idade o jovem Marx incursiona nos círculos radicais e jacobinos de Berlim, composto polos discípulos que seguem as doutrinas do filósofo alemám Hegel. Porém, ao pouco tempo o jovem marx separa-se dos neohegelianos por considerá-los politicamente covardes e o limitado dos seus projetos de transformaçom.

Nos seus inícios Marx nom se pode considerar um revolucionário. Ninguém nasce revolucionári@!!, nem sequer Marx!!. Com pouco mais dos vinte anos, o jovem Marx só tem em mente ser um tranquilo professor de filosofia, para o qual trabalha na sua tese para receber o seu doutorado em Filosofia na universidade de Jena. Com vinte e três anos recebe o doutoramento sobre as diferentes teorias dos átomos em dous filósofos gregos, Demócrito e Epicuro. Sobre estes dous filósofos, ainda que dos dous admira a sua visom do mundo nom religiosa, simpatiza mais com Epicuro ao considerar que o universo de Demócrito era pura matéria. Porém, o jovem Marx questiona-se o papel do sujeito e da sua atividade transformadora.

Ao igual que Marx, o jovem Engels também fai parte dos jovens hegelianos, radicais e democráticos, dos que também se separa ao pouco tempo polas suas fortes conviçons radicais democráticas, abraçando desde muito cedo a doutrina do comunismo filosófico.

Engels colabora no jornal que dirige o jovem Marx *–a Gaceta do Rhin–*. O primeiro encontro que se produz entre ambos dá-se na cidade de Colónia. É um encontro frio e seco, onde Marx o recebe com desconfiança ao pôr distáncia com o comunismo e, aliás, o associa com os seus antigos companheiros de Berlim, com quem acabava de romper relaçom. Porém, pouco tempo depois encontram-se novamente em Paris no verao de 1844, quando Marx adere ao comunismo, e já ninguém separa a esta fiel parelha de revolucionários.

Ao longo de quarenta anos, Engels acompanhará a Marx –a quem considera um verdadeiro génio– nas grandes luitas políticas da classe operária e também o ajudará na sua vida pessoal e quotidiana. Enquanto Marx escreve grande parte da sua obra teórica e científica, durante décadas, Engels, ajuda-o a ele e a sua



família economicamente. Marx chegou a reconhecer que, sem a colaboraçom de Engels, nom poderia ter escrito *O Capital.*

- Dialética materialista e materialismo dialético

Desde as primeiras inquietaçons filosóficas do jovem Marx, mantém um diálogo permanente com Hegel, um dos grandes exponentes da filosofia clássica alemá. E nunca esgotará a relaçom com ele ao longo da redaçom da sua vasta obra, mantendo sempre presente a crítica e a dialética permanente com o seu mestre.

Para Hegel, todo está a mudar permanentemente, a lógica dialética di que todo muda a partir das contradiçons, a história está subordinada à lógica. O método dialético é central para Marx e, de acordo com Hegel, sustenta ao longo de toda a sua obra que a dialética é um modo de existência dinámico e contraditório, atravessa a história, os sujeitos sociais com as suas práticas e o pensamento humano. Marx nom cansará em aprofundar no desenvolvimento do método dialético e critica que Hegel ponha por diante o conceito lógico e, como algo subordinado, a sociedade humana, quando som as contradiçons do pensamento as que surgem polas luitas sociais e nom ao invés.

Por outra banda, nom lhe interessa o idealismo que promove Hegel e a sua lógica centrada no conceito. Marx também se impregna da visom do mundo interpretada por outro dos grandes exponentes da filosofia clássica alemá, o materialismo de Feuerbach.

Nada existe fora da realidade e nada existe se nom existe ao mesmo tempo o seu contrário. Com esta filosofia, Marx combateu o idealismo, a análise de toda questom cinge-se ao realmente existente e nom fica isolada da história, ao estar ligada a umha determinada etapa da mesma. Além do mais, o materialismo dialético mostra como a realidade nom é unilateral e está em constante desenvolvimento, na qual há avanços, retrocessos e, inclusive, estagnamentos.

Com o método dialético e a interpretaçom materialista da realidade, Marx explicou que o conhecimento social da humanidade (as diversas opinions e doutrinas filosóficas, religiosas, políticas, etc.) reflete o regime económico da sociedade. Depois de ter verificado esta proposiçom, encontrou a alavanca necessária para o estudo minucioso do regime económico capitalista.

Mas com esta interpretaçom do mundo, Marx nom está totalmente satisfeito e pretendia ir mais além: *"Os filósofos tenhem apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questom, porém, é transformá-lo."*

- A grande síntese de Marx

O pensamento de Marx é herdeiro, ao mesmo tempo de múltiplas tradiçons: da historiografia e o socialismo francês, assim como a extensa acumulaçom de protestos, revoltas, insurreiçons, rebelions e revoluçons sociais e políticas d@s oprimid@s ao longo da história; dos grandes filósofos alemáns que à sua vez recolhiam umha interpretaçom da realidade que já iniciaram os primeiros pensadores gregos; e da economia política inglesa, com a crítica dos principais elementos que componhem a conformaçom do modo de produçom capitalista.

O materialismo histórico e dialético, a teoria da mais-valia, a luita de classes conformam os grandes esteios do marxismo e constituem a base da crítica ao atual estado de cousas.

E como o marxismo constitui um sistema de pensamento aberto, @s marxistas posteriores fôrom realizando novas sínteses que contribuírom e contribuem a ajudar ao proletariado a compreendê-lo mais rápido.

Assim expressou Lenine quais eram as grandes fontes das quais bebia a doutrina marxista no seu escrito As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo:

"A filosofia do marxismo é o materialismo." *"(...) Marx nom se limitou, porém, ao materialismo do século XVIII; polo contrário, levou mais longe a filosofia. Enriqueceu-na com as adquisiçons da filosofia clássica alemá, sobretodo do sistema de Hegel, o qual conduzira por sua vez ao materialismo de Feuerbach. A principal dessas adquisiçons foi a dialética, isto é, a doutrina do desenvolvimento na sua forma mais completa, mais profunda e mais isenta de unilateralidade, a doutrina da relatividade do conhecimento humano, que nos dá um reflexo da matéria em constante desenvolvimento." E prossegue, "(...) Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx levou-no até o fim e estendeu-no do conhecimento da natureza até o conhecimento da sociedade humana. O materialismo histórico de Marx é umha conquista formidável do pensamento científico. Ao caos e à arbitrariedade que até entom imperavam nas conceçons da história e da política, sucedeu umha teoria científica notavelmente integral e harmoniosa, que mostra como, em conseqüência do crescimento das forças produtivas, desenvolve-se de umha maneira de vida social umha outra mais elevada, como, por exemplo, o capitalismo nasce do feudalismo". E concluindo "(...) A filosofia de Marx é o materialismo filosófico acabado, que deu à humanidade, à classe operaria sobretodo, poderosos instrumentos de conhecimento".*

"A economia política clássica anterior a Marx tinha-se formado na Inglaterra,

o país capitalista mais desenvolvido. Adam Smith e David Ricardo lançárom nas suas investigaçons do regime económico os fundamentos da teoria do valor-trabalho. Marx continuou a sua obra. Fundamentou com toda precisom e desenvolveu de forma conseqüente aquela teoria. Mostrou que o valor de qualquer mercadoria é determinado pola quantidade de tempo de trabalho socialmente necessário investido na sua produçom. Onde os economistas burgueses viam relaçons entre objetos (troca de umhas mercadorias por outras), Marx descobriu relaçons entre pessoas. A troca de mercadorias exprime a ligaçom que se estabelece, por meio do mercado, entre os diferentes produtores. O dinheiro indica que esta ligaçom se torna cada vez mais estreita, unindo indissoluvelmente num todo a vida económica dos diferentes produtores. O capital significa um maior desenvolvimento desta ligaçom: a força de trabalho do homem torna-se umha mercadoria. O operário assalariado vende a sua força de trabalho ao proprietário de terra, das fábricas, dos instrumentos de trabalho. O operário emprega umha parte do dia de trabalho para cobrir o custo do seu sustento e da sua família (salário); durante a outra parte do dia, trabalha gratuitamente, criando para o capitalista a mais-valia, fonte dos lucros, fonte da riqueza da classe capitalista."

"A teoria da mais-valia constitui a pedra angular da teoria económica de Marx."

"Quando o regime feudal foi derrubado e a "livre" sociedade capitalista viu a luz do dia, tornou-se imediatamente claro que essa liberdade representava um novo sistema de opressom e exploraçom dos trabalhadores. Como reflexo dessa opressom e como protesto contra ela, começárom imediatamente a surgir diversas doutrinas socialistas. Mas, o socialismo primitivo era um socialismo utópico. Criticava a sociedade capitalista, condenava-a, amaldiçoava-a, sonhava com a sua destruiçom, fantasiava sobre um regime melhor, queria convencer os ricos da imoralidade da exploraçom.

Mas, o socialismo utópico nom podia indicar umha saída real. Nom sabia explicar a natureza da escravidom assalariada no capitalismo, nem descobrir as leis do seu desenvolvimento, nem encontrar a força social capaz de se tornar a criadora da nova sociedade."

"O génio de Marx está em ter sido o primeiro a ter sabido deduzir daí a conclusom implícita na história universal e em tê-la aplicado conseqüentemente. ***Tal conclusom é a doutrina da luita de classes.***

Os homens sempre fôrom em política vítimas ingénuas do engano dos outros e do próprio e continuarám a sê-lo enquanto nom aprendem a descobrir por trás de todas as frases, declaraçons e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os interesses de umha ou de

outra classe. Os partidários de reformas e melhoramentos verám-se sempre enganados polos defensores do velho, enquanto nom compreenderem que toda a instituiçom velha, por mais bárbara e apodrecida que pareça, se mantém pola força de umhas ou de outras classes dominantes. E para vencer a resistência dessas classes só há um meio: encontrar na própria sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luita, os elementos que podam –e, pola sua situaçom social, devam– formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo."

- A Comuna de Paris e Marx

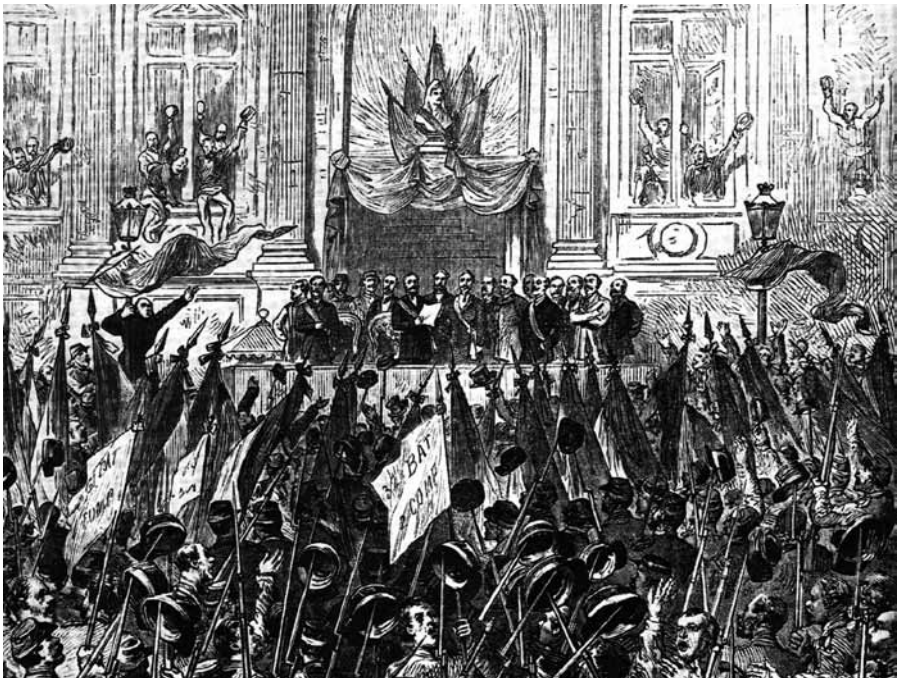
Mentres Marx redigia a sua principal obra –*O Capital*– via como se confirmava ao mesmo tempo parte das suas análises sobre a capacidade da açom transformadora do sujeito explorado no capitalismo, a classe operária.

Após quase duas décadas de ditadura de Luis Bonaparte, proclama-se a III República francesa em setembro de 1870 e posteriormente declara-se a guerra entre Paris e o governo vendido e covarde de Thiers que fugira com as suas tropas a Versalhes ante o iminente avanço do exército prusiano.

Por primeira vez na história, a classe operária toma o poder e estabelecem desde 28 de março de 1871, e por 72 intensos dias, a Comuna de Paris. Marx segue com especial atençom todos os factos que se sucedem: a classe operária destrói o aparelho estatal da burguesia (exército, polícia, burocracia), distribui armas a todo o povo, dispom a funcionários e juízes por eleiçom popular e com caráter revogável, separa o ensino e o Estado da Igreja, entrega a tod@s @s trabalhadores/as as empresas abandonadas polos patrons e dispom que a remuneraçom de tod@ funcionári@ seja igual à dum/ha operári@... em síntese, Marx definiu esse programa revolucionário como "a expropriaçom dos expropriadores".

Como outras revoluçons da história, a Comuna é fortemente reprimida pola burguesia. Bismarck –com quem França estava em guerra– deixa em liberdade 100000 soldados franceses presos para esmagar a revoluçom. A vingança e o ódio de classe nom tem limites e perto de 100000 trabalhadores/as som assassinad@s, detid@s, encarcerad@s, desterrad@s ou condenad@s a trabalhos forçosos. Umha semana depois da derrota da Comuna, Marx exclama: *"Gloriosa civilizaçom esta, cujo grande problema passa por saber como se vai desfazer de moreias de cadáveres feitos por ela depois de cessar a batalha"*.

Marx extrai umha aprendizagem muito valiosa da experiência do primeiro governo operário da história expressado com a Comuna, é esta quem substitui o Parlamento burguês e as instituiçons políticas dos patrons por *"umha república que nom só acaba com a forma monárquica da dominaçom de classe senom*



com a própria dominaçom de classe". Marx define-a como *"a forma política ao fim descoberta para levar a cabo a emancipaçom económica do trabalho".*

A Comuna expressa o poder operário e o auto-governo d@s trabalhadores/as. Ao substituir o exército oficial pola milícia popular e à burocracia parlamentar pola democracia direta, ataca o centro do poder político burguês. A Comuna nom aperfeiçoa, mudando de maos, o velho aparelho político militar da burguesia, senom que o destrói.

- O Capital, obra fundamental de Marx para a humanidade explorada

Durante a década de 1860, Marx pom todas suas capacidades físicas e inteletuais na redaçom da sua grande obra, enquanto militava de maneira muito ativa na recém nada I internacional.

O Capital é umha extensa obra que analisa e critica a sociedade capitalista. Dentro dela, estuda aquelas regularidades (que ele denomina "leis") que regem o seu funcionamento e dinamismo, a sua estrutura e história, a sua lógica e o seu movimento. *O Capital* aborda o modo de produçom capitalista, entendido como um conjunto de relaçons sociais historicamente determinadas, exposto na sua máxima pureza e essência.

Porém, o modo de produçom capitalista nunca se encontra em toda a sua essência na sociedade. Está combinado com diversos tipos de relaçons sociais. A essa combinaçom Marx denominou-na "formaçom económico-social", e permite-nos compreender o grau de especificidade e singularidade que tem cada sociedade e o comum e genérico que tem com todas as demais.

Se bem o ámbito de análise em que se circunscreve esta obra é o da crítica da economia política, o principal objetivo que persegue Marx é transmitir um impulso político de transformaçom. A sua finalidade é eminentemente política.

Ele pretende explicar que o capitalismo nom é eterno, senom histórico, e portanto superável. O mesmo acontece com as categorias económicas que o expressam. Aliás, esforça-se em demonstrar que nom é viável a sua reforma, já que o capitalismo gera sempre mais capitalismo.

Portanto, n' *O Capital* Marx nom só reflexiona sobre a economia senom que também analisa a questom do poder, a exploraçom, a dominaçom e a opressom, e em definitiva, a luita de classes.

- Marx segue a fornecer ferramentas de luita para a juventude rebelde

Desde que Marx começou a trabalhar incansavelmente por oferecer um método de pensamento e de açom –umha filosofia da praxe– para que a classe trabalhadora poida romper as cadeias que a atam à exploraçom e opressom capitalista, os opulentos e poderosos do atual sistema odiam-no e tentam por todos os meios apagar qualquer vestígio da sua obra.

Desde a mais implacável ditadura militar fascistas até os mais depurados regimes parlamentares burgueses, todos tentam esmagar a voz e a açom marxista, bem por meio da repressom direta, bem por meio da ocultaçom oficial e a alienaçom.

Sob a aparência da "democracia", vivemos numha sociedade totalitária onde se explora @s operári@s e se esmaga toda dissidência radical.

O marxismo constitui a dia de hoje umha ferramenta crítica que permite questionar a falta de liberdade e a ausência de pensamento radical, promovendo a rebeliom da juventude e a resistência da classe trabalhadora a nível global. Por isto gera incomodidade na sociedade oficial, e por isso tentam silenciá-lo. Mas rebelar-se, com Marx, é legítimo.

entrevista

organizaçom juvenil da esquerda abertzale

•antolakuntzaz: •independentzia •sozialismoa •feminismoa

BRIGA entrevista ERNAI, organizaçom juvenil da esquerda abertzale que nascia o passado mês de março com o objetivo estratégico de conseguir um estado Basco, Socialista e Feminista.

1.- Passado 2 de março conhecíamos o nascimento de ERNAI como o broche de ouro ao processo constituinte Gazte Zukgua. Poderíadesnos falar de como se tem vivido este processo e o próprio nascimento da nova organizaçom entre a juventude basca?

Foi um acontecimento. O nascimento de Ernai viveu-se com muita força e ilusom entre a nossa base social e a esquerda abertzale em geral. Gazte Zukgua foi um processo intenso, com muito debate e achegas realmente interessantes. Posicionamo-nos ante a crise sistémica do capitalismo e a situaçom política atual de Euskal Herria.

O único ponto débil que tivo o processo foi que quiçá nom temos conseguido aproveitar o debate para agitar as ruas. Ao cabo decatamo-nos de que é mui difícil desenvolver à vez umha dinámica de debate e outra de agitaçom. Mas com o nascimento de Ernai superamos todas essas dificuldades e pudemos dizer que se nota que a juventude está na rua. E com muitas ganas de luitar!

2.- Após o intenso processo de debate e reflexom prévio, durante este curto período de vida, em que se tem centrado o vosso trabalho? Percebeu-se a emoçom ou ganas por pôr-se já maos à obra com açons concretas?

Apenas passárom três meses do Congresso que celebramos em Lizarra (Nafarroa). Neste tempo dedicamo-nos a montar a estrutura da organizaçom. O segundo objetivo que temos até o verao é analisar qual é a situaçom atual da juventude em cada vila e bairro para poder identificar quais devem ser as linhas de trabalho e luitas que deve desenvolver Ernai. Embora no processo temos definido qual vai ser a estratégia geral para impulsionar o polo juvenil perante o sistema, agora toca-nos definir as estretégias de cada linha de trabalho que imos desenvolver. E o terceiro objetivo deste período foi, naturalmente, dar a conhecer na sociedade em geral e na juventude em concreto, Ernai. O que é Ernai e que objetivos tem.

3.-Que análise fazedes da situaçom da juventude basca no atual contexto de crise do sistema capitalista?

Precisaríamos de muito tempo e espaço para explicar com profundidade a situaçom da juventude em Euskal Herria. De facto, neste momento estamos nisso. Mas em linhas gerais poderíamos assegurar que as maiores preocupaçons da juventude em Eukal Herria som duas: a situaçom de precariedade que estamos a viver e, por outra banda, na geraçom mais jovem, a LOMCE.

A precariedade laboral que desde sempre tem afetado a juventude, tem-se acentuado polo contexto socio-económico: a criaçom de contratos de práticas de mais duraçom e com possibilidade de despedimento sem justificaçom, os contratos especiais para jovens, as ajudas a empresas que contratam jovens nessas condiçons, o trabalho submergido... Para além das altas taxas de desemprego que parecem chegar para ficar e subindo. Todo isso gera umha situaçom de desolaçom entre a juventude, para além da desmobilizaçom por medo a perder o emprego. Por isso, as instituiçons devem pôr em andamento medidas urgentes que de verdade solucionem o problema, nom pôr mendos que agravam a situaçom. Aliás, nom podemos esquecer que todas estas medidas que aceitam em nome da crise ficarám quando esta passe. Nom som mais que o desmantelamento do estado de benestar que impugérom no seu momento para evitar revoluçons obreiras ante o avanço do socialismo.

Mas nom podemos aguardar a que as instituiçons atuem. A juventude nom somos a sua prioridade. Devemos criar as nossa próprias alternativas, como a criaçom de cooperativas, auto-emprego... Existem múltiples exemplos em

andamento. Só temos que multiplicá-los. Todas essas alternativas tenhem um duplo objetivo: dar-nos umha alternativa a nós mesmas e ao nosso contorno, e ir fendendo o sistema. Como me dixérom hoje: abrir fendas no muro do sistema, e gerar vida nelas.

Neste senso, nom podemos esquecer que toda esta precariedade tem como efeito direto as dificuldades para emancipar-se, os problemas de vivenda (que também se devem à especulaçom, as casas vazias...)

No tocante à LOMCE, supom umha dupla imposiçom. Por umha banda, converte a educaçom, que a golpe de recorte se está já transformando num direito para a elite económica, num privilégio para aqueles que consigam aprender-se de memória um exame por ciclo, um currículo imposto. Que, por outra banda, é um currículo com umha clara intençom espanholizadora, que responde diretamente à força que os movimentos de libertaçom nacional estejam adquirindo, e que Wert nom se molesta em negar.

4.-Como se organiza ERNAI na prática e quais serám as vossa linhas de trabalho prioritárias?

No processo constituinte definimos as nossas futuras linhas de trabalho. Por umha banda, trabalharemos os modelos de vida. Ao cabo, é um outro sistema polo que luitamos, um sistema no qual o modelo de vida imperante nom será individualista, baseado no consumo, nos

trabalhos precários e no viver para trabalhar; no qual eficácia e produtividade predominem sobre as necessidades do coletivo, no que só se aceita um único modelo de família nuclear, um modelo patriarcal, baseado na exploraçom dos cuidados gratuítos e/ou explorados a cargo da mulher.. Queremos outros modelos de vida, baseados em valores feministas como a cooperaçom, a participaçom, a pluralidade, a atençom às necessidades do grupo... Por isso, trabalharemos sobre as condiçons de vida para assim ir criando outros modelos de vida, baseados em valores feministas, e ir criando outro sistema. Para isso Ernai impulsionará a criaçom de alternativas reais e locais para a juventude, pondo especial atençom na situaçom económica e na maneira em que esta afeta as jovens.

Dentro dos modelos de vida, marcamos como linhas de trabalho prioritárias o feminismo, o internacionalismo e a formaçom.

Por outra banda, as jovens nom somos alheias ao momento político que vive Euskal Herria, e porquanto somos o seu presente e futuro, correspondenos um papel importante na resoluçom do seu conflito. Essa é outra linha de trabalho. Participaremos nos diferentes espaços de resoluçom que se abram, e temos um urgente labor no tema das presas e exiladas. Nunca deveriam ter sido encarceradas por razons políticas, e agora mais do que nunca devem estar nas ruas, trabalhando na resoluçom do conflito que tem produzido o seu encadeamento. Som agentes políticos, a quem o Estado lhes quer negar o status e a palavra. Ernai trabalhará incansavelmente até tombar os muros das prisons e obrigar aos Estados a rematar com esta situaçom de bloqueio à qual se aferram.

Quanto à organizaçom, a nossa aposta está nas vilas e bairros, nas luitas e nas alternativas locais. Faremos a revoluçom do pequeno ao grande, do concreto ao geral. Por isso, organizamonos a nível local, sempre coordenad@s. Em definitvo, somos umha organizaçom de Hego Euskal Herria.

5.-Passado 30 de maio era convocada greve geral pola maioria sindical de Euskal Herria. Como valorades o papel atual da juventude basca nestas jornadas de luita?

Fica patente em qualquer foto das mobilizaçons, que há umha importante percentagem de jovens. Nota-se nas ruas que a juventude está enfadada, farta de ser explorada e precarizada, de que nos vendam que nom temos futuro, de que nos queiram exilar para trabalhar longe das nossas vilas, de nom poder continuar os nossos estudos porque convertem a golpe de recortes o direito em privilégio... e nota-se nas jornadas de greve.

Há meses que em diferentes localidades se estám criando assembleias ou blocos juvenis de diferentes sensibilidades, unidas polo desejo de mudar cousas. Ernai participa também nessas iniciativas, porque consideramos que a uniom de jovens é indispensável para fazer frente a um monstro como o sistema, e que é altamente enriquecedor trabalhar com diferentes jovens. Aprende-se muito.

Polo tanto, o papel da juventude é relevante nos movimentos sociais que se estám criando. De todas formas, há um longo caminho por percorrer. Afinal, a juventude que ainda está sem organizar e que apenas se tem mobilizado é umha maioria e a nossa aposta é criar umha massa juvenil, um movimento juvenil forte, consciente da necessidade de organizar-se, ativa e disposta a luitar até o final. Queremos desmentir essa ideia que querem que assimilemos de que a luita nom serve para nada, que devemos portar-nos bem, ser emprendedores e aguardar a que a tormenta escampe. Um pequeno gesto pode pôr a semente para mudar o mundo, que nom digam que a luita nom serve para nada.

6.-Qué tipo de relaçom manteredes com outros agentes políticos ou sociais que se movam em coordenadas similares às vossas?

A cooperaçom e o trabalho conjunto é parte da nossa filosofia. Consideramos que o trabalho com diferentes coletivos e movimentos é imprescindível. O objetivo e o tipo de relaçom variará em base ao agente a que nos refiramos. Com alguns será mais continuada, com outros pontual...

7.- Pouco depois do vosso nascimento tínhamos notícia da ordem emitida pola Audiência Nacional espanhola exigindo o feche da vossa página web. Que leitura fazedes deste facto no atual contexto que se vive em Euskal Herria e como organizades a vossa resposta ante os obstáculos repressivos impostos polo Estado espanhol?

O feche do web de Ernai foi o primeiro ataque contra a organizaçom, e mostra de que o Estado espanhol continua aplicando velhas receitas, sem nengumha

intençom de aceitar que um novo ciclo político se tenha aberto em Euskal Herria. Foi um ataque direto contra a nossa liberdade de expressom, ao fechar um meio que é um alto-falante da nossa mensagem. Aliás, suspeitamos que o Estado também queria pôr-nos um termómetro, ver como reacionávamos, com que força contávamos... Nesse sentido, todas as mensagens de apoio que recebemos, tanto procedentes de Euskal Herria como de fora, som de agradecer, bem como as distintas denúncias públicas que se tenhem feito, em especial as da gente relacionada com o mundo jornalístico.

O feche do web veu seguido de duas citaçons a declarar na Audiência Nacional, e mais tarde, o mesmo tribunal de exceçom imputou mais três jovens polo ato político realizado na Gazte Danbada, no qual se fazia referência a Thierry, preso político enfermo, morto a causa da política penitenciária do Estado francês. A procuradoria acusa-os de enaltecimento de terrorismo. Porém, a dia de hoje, a mesma procuradoria nom investigou as responsabilidades dos Estados em dita morte, nem se preocupou polas dúzias de presas bascas doentes encarceradas nestes momentos.

De todas formas, nom imos entrar no jogo dos Estados e deixar o nosso labor político à margem para responder aos constantes ataques repressivos. Isso é o que querem. Nós, seguiremos trabalhando no nosso projeto político, na criaçom dum estado basco, socialista e feminista, e nom nos vam despistar. O nosso trabalho no dia a dia é a resposta mais digna que podemos dar.

8.-Desde Galiza seguimos atentamente os acontecimentos do passado mês de abril quando oito jovens acusadas/os de ter pertencido a SEGI recebiam ordem de detençom para cumprir condena, ante a resposta solidaria de centos de jovens mobilizadas/os no Aske Gunea (Zona Livre em galego). Como se vivírom estes momento de tensom?

Desde entom, a mesma situaçom tem-se repetido em Ondarru, localidade costeira de Biscaia na que vivia Urtza Alkorta, umha outra militante acusada de colaboraçom, e é mui provável que se repita dentro duns dias em Iruñerria.

É certo que som momentos tensos, de repetidas últimas despedidas, de incerteza, momentos comovedores, de cansaço de tantas horas de espera, de risas e lágrimas furtivas... Som momentos em que as ânsias de luitar dum povo e a dignidade dos seus militantes apalpa-se no ambiente, contagia-se. O Aske Gunea de Donosti supujo um salto qualitativo na resposta às detençons políticas. Levávamos anos de detençons e juízos políticos que se acabam traduzindo em condenas injustas, fruto da legislaçom de exceçom que desenvolveu o Estado espanhol para reprimir e encarcerar todo aquele que se

saísse da sua foto. Sempre foi um repto visibilizar essas detençons, que nom lhes saíssem gratuítas, que nom ficassem impunes. Mas até agora nom tínhamos conseguido mobilizar tanta gente à volta das futuras detidas, nem expandir tanto a notícia. Encarceravam militantes, e a notícia apenas chegava para além das nossas camadas mais próximas, apenas tinham eco nos meios. Tampouco havia meios para implicar a tanta gente em impedir umha detençom.

Mas a aposta pola desobediência foi todo um acerto, assim como o chamamento a diversos setores da sociedade e tendências políticas a participar. A resposta foi tam surpreendente como positiva. Centos de pessoas almorçárom, estudárom, formárom-se, jogárom, trabalhárom e dormírom no Boulevar de Donosti. O mesmo durante chuvosas e frias jornadas de Ondarru. A conclusom é clara: este povo está farto de que detenham a toda aquela que se organize e luite polos seus direitos, e nom vai permitir que se leve nem umha mais.

O Aske Gunea é um espaço de desobediência, resistência e construçom! Tem conseguido visibilizar o que os Estados querem esconder. Tem conseguido que gente que nunca se mobilizou faga sua a causa das condenadas e colha a esteira e o saco de durmir para botar-se à intempérie.

Aliás, supujo a interpelaçom direta ao PNV, um claro chamamento a unir-se ao seu povo, o povo basco, e a nom obedecer a interesses económicos e o Estado, a executar as injustas detençons que ordena. Mas até agora tem deixado claro a quem responde, com quem está, quem é o seu povo. Porque há pouco soubemos que ainda quando se deu à Polícia Nacional e à Guarda Civil a ordem de detençom, pedírom que fora a Ertzaintza a que despejasse a gente congregada em Ondarru. O PNV nom quer resoluçom do conflito, quer recuperar a sua hegemonia e maioria absoluta para seguir fazendo leis que lhes permitam especular e continuar enriquecendo-se à nossa conta. Som um postor burguês que se vende a quem melhor defenda os seus interesses, e nom se posicionará contra o Estado por muito que insistamos nisso. E os dous Aske Gunea tenhem-no demostrado.

9.-Estades submetidas à contínua ameaça de juízos pendentes e ordem de ingresso em prisom para dúzias de jovens. Manterám-se iniciativas de desobediência popular e resistência pacífica similares a esta?

Sim. Temos que conseguir tirar-lhes todo o potencial. Ainda assim, nom sempre tenhem que ser Aske Gunes, nem em todas as vilas ou processos judiciais servirá o mesmo modelo de desobediência, porque as caraterísticas de cada detençom som diferentes. Mas essa é a essência, e continuaremos desenvolvendo-a. Até agora logramos unir massa, demorar vários dias a detençom, impedir que lhes saia grátis... mas o objetivo deve ser re-

matar com as detençons, que a ilusom do conseguido até agora nom nos despiste.

O vindouro ano estará cheio de juízos: o sumário das Herriko Tabernas, o macrosumário contra Segi de 2009, a operaçom de Segura, vários juízos contra jovens grevistas.. Nom nos podemos relaxar, temos um grande caminho por percorrer, e vitórias graduais que lograr. Mas definitivamente, a desobediência popular é o caminho.

10.- BRIGA tivo a ocasiom de participar como delegaçom internacional no Gazte Danbada, festival que o passado mês de março celebrava o nascimento de Ernai, e onde compartilhamos experiências com jovens doutros povos em luita. Que representa o internacionalismo no vosso projeto político?

O internacionalismo é parte da essência da luita obreira: de que serve ser livres nós se nom o é o resto? O socialismo nom é cousa dum povo, mas dos povos. A revoluçom deve ser mundial. Obviamente, cada um temos os nossos ritmos e realidades, as nossas estratégias e os nossos objetivos. Mas para derrubar o capitalismo, é preciso que todos puxemos, porque o capitalismo é imperialista por natureza, e sempre tenderá a oprimir ao do lado, e porá todos os meios para fazer que a nossa revoluçom fracasse. Por isso, nom podemos entender a luita obreira sem internacionalismo, igual que nom a entendemos sem feminismo. Nom queremos só cambiar o nosso povo, queremos mudar o sistema, o mundo. A luita nom entende de fronteiras, e nós tampouco.

Por isso é imprescindível o internacionalismo. As alianças tanto colectivas como pessoais. Além de necessária é enriquecedora. Aprender doutros povos, partilhar ideias... por exemplo, o modelo de cooperativas e fábricas ocupadas na Grécia é todo um modelo a seguir, ou as comunidades de Venezuela, a ocupaçom de terras para o povo do SAT ou o MST, a incansável dignidade Turca e Palestiniana... é algo no que vimos trabalhando meses, e umha linha de trabalho na qual aprofundar. Por isso, os nossos caminhos voltarám a cruzar-se, devem estar em constante encontro.

Segregaçom sexista no desporto

falamos as jovens

A dia de hoje, o desporto joga um papel mui importante nas sociedades do centro capitalista: como fenómeno de massas, é um elemento que atrai nom só praticantes do mesmo, mas também espetadoras/es que gozam observando a sua prática. Nom imos analisar aqui a maneira em que o desporto-espetáculo age como umha das chaves de alienaçom e adormecimento de consciências; nom apresentaremos a sua funçom como referente identitário que promove a conscientizaçom nacional e o patriotismo, cumprindo o papel que séculos antes desenvolviam outros fenómenos culturais como a literatura; nem tampouco denunciaremos a sua conversom numha mercadoria mais. Embora estas faces do desporto devem ser analisadas para entendermos a sua relevância como elemento cultural, queremos reflexionar nestas linhas sobre um dos aspetos que parece estar ligado de maneira intrínseca ao desporto: o sexismo.

O desporto-espetáculo sempre estivo dominado polos homens. A dia de hoje esta assimetria continua-se mantendo e é facilmente constatável: a menor participaçom de mulheres adultas em determinados desportos, as enormes diferenças de salários entre as desportistas profissionais e os seus homólogos masculinos, o limitado espaço que se reserva às desportistas nos meios de comunicaçom de massas e o machismo que em múltiplas ocasions transparece esse espaço, som apenas alguns exemplos, pois devido às numerosas facetas que desempenha o desporto socialmente, alimenta a discriminaçom dumha maneira mais complexa e abrangente.

A prática de desportos entre as crianças gera umha influência mui positiva na promoçom de certos valores como a camaradagem, a solidariedade, o fomento do trabalho em equipa, convertendo-se num espaço de sociabilizaçom mui importante –por nom entrarmos a comentar o benéfico que resulta para os nossos corpos a realizaçom de atividades físicas deste tipo–. Porém, como advertíamos, o desporto difundido nos meios de comunicaçom nom é qualquer exemplo positivo, polo que é tarefa do desporto de base e dos movimentos sociais que o promovem fazer a necessária reflexom de como a ideologia dominante é transmitida através das atividades desportivas e portanto, como frear esta tendência, fazendo do desporto de base umha ferramenta para a promoçom doutros valores. Nom obstante, em múltiplas ocasions o desporto de base segue a ser mais um ninho do machismo.

Simplifiquemos o conceito de sexismo e partamos da premissa de que o sexismo é a discriminaçom baseada em critérios sexuais e de género; ergo, que a participaçom dumha pessoa num determinado desporto, equipa ou competiçom esteja condicionada por um critério de género é umha discriminaçom sexista. Apesar do evidente que poderia parecer num início esse silogismo, a realidade demonstra-nos que conseguir a unanimidade na defesa dum desporto nom segregado é

mui difícil, mesmo entre sectores sociais que defendem noutros pontos do espetro ideológico posiçons avançadas.

Fonte: LLANO LÓPEZ, Pedro de & MUÍÑOS DÍAZ, Eladio (1988): Real Club Deportivo de A Coruña. 82 años de Historia. Corunha."

Assim pois, olhamos com decepçom para umha Galiza na qual umha parte mui importante do desporto de base alimenta os roles de género, afirmando que homens e mulheres devem jogar e competir de maneira segregada –pois as diferenças entre ambos os géneros som assim de insalváveis–, o que finalmente se acaba traduzindo numha exclusom da participaçom das mulheres nos desportos. As desigualdades sociais que entre homens e mulheres ainda existem a dia de hoje, a ideologia machista que desde que nascemos nos é inculcada de maneira sistemática, vivermos num sistema como o patriarco-burguês em que a divisom sexual do trabalho é um dos fatores dos quais depende para a sua supervivência, som elementos que provocam importantes assimetrias entre homens e mulheres e a sua relaçom com o desporto, colocando as mulheres num ponto de clara desvantagem. Isto provoca que o número de mulheres interessadas na prática do desporto, especialmente quanto mais avançada é a faixa etária, diminua devido às tarefas que, segundo o rol que lhe foi atribuído, devem priorizar. Portanto, a conformaçom de competiçons ou equipas nom profissionais conformadas exclusivamente por mulheres é muitíssimo mais difícil de conseguir.

O desporto deveria ter como objetivo a erradicaçom destas assimetrias, fomentando a participaçom das mulheres e facilitando a sua integraçom, nom colocando ainda mais empecilhos no seu caminho, como a exigência de chegarem a um número mínimo de participaçom.

Para acabarmos com umha nota mais positiva, queremos pôr dous exemplos. O primeiro está relacionado com a concreçom de projetos que tenhem como objetivo conseguir a igualdade de condiçons e o reconhecimento das mulheres no desporto; o segundo é proposto como um referente de luita e determinaçom.

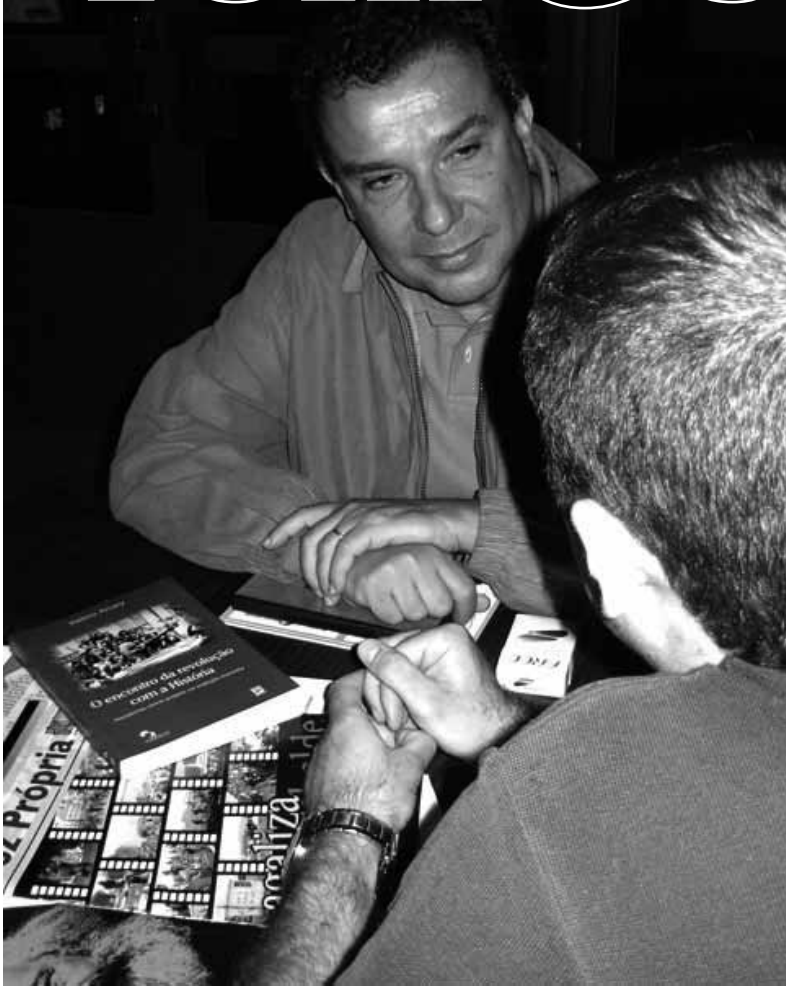
Por umha banda, queremos parabenizar Siareir@s Galeg@s pola normalidade com que, desde 2009, esperamos o jogo da nossa seleçom de futebol britânico, umha seleçom que representa as galegas e galegos, nom só através dumhas cores, mas também graças às mulheres e homens que partilham o terreno de jogo com total naturalidade: essa sim é umha seleçom integradora. Como nom poderia ser doutro jeito, também reconhecemos a importante tarefa que diferentes centros sociais e iniciativas populares no nosso país realizam na promoçom dum desporto que nom segregue por géneros, potenciando a criaçom das chamadas equipas mistas. Os exemplos mais recentes surgírom do sucesso com que o futebol gaélico foi acolhido no nosso país, dando lugar a umha série de equipas que, mostrando a coerência com os princípios que consideramos que o desporto de base deve exemplificar, nom marcam qualquer diferença entre as pessoas que participam segundo os órgaos sexuais que tenham.

Pola outra banda, queremos lembrar Irene, a quem pertence a foto que ilustra este artigo, umha futebolista galega da década de 20 do século passado [1]. Era guarda-redes e sempre a única mulher sobre o campo de jogo. Começou a sua carreira desportiva jogando no 'Orillamar', demonstrando a sua destreza por diversos campos da Corunha. Ganhou o respeito dos seus companheiros de equipa, e também dos seus rivais, sem existir a dia de hoje qualquer referência em que fosse injuriada ou menosprezada, senom todo o contrário. Acabaria conformando a sua própria equipa, a Irene F.C., com a qual ia de gira, enchendo as bancadas de gente que pagavam umha pequena quantidade por vê-la jogar. As ganáncias eram depois partilhadas entre ela e os seus companheiros. Um bom exemplo da sua popularidade foi o jogo que se organizou para arrecadar fundos para ajudá-la a curar-se da tuberculose que finalmente acabou com a sua vida em 1928. A admiraçom e respeito que Irene despertou na sua época nom foi fácil de conseguir, pois o rechaço social que provocam aquelas pessoas que se oponhem ao rol que deveriam desempenhar é umha constante ao longo da história, mas ela luitou contra as imposiçons de género dominantes, exemplificando que mulheres e homens som iguais no campo de jogo.

[1] s.v. "Irene" em Álbum de mulleres. Consello da Cultura Galega <http://www.culturagalega.org/album/detalle.php?id=450 HYPERLINK "http://www.culturagalega.org/album/detalle.php?id=450&autor=Irene"& HYPERLINK "http://www.culturagalega.org/album/detalle.php?id=450&autor=Irene"autor=Irene>

falam @s velh@s

Valério Arcary



O antipartidarismo, mais grave quando se dirige contra a esquerda socialista, é uma ideologia reacionária e tem nome: chama-se anticomunismo. Foi ela que envenenou o Brasil para justificar o golpe de 1964 e vinte anos de ditadura

"A liberdade é sempre a liberdade para o que pensa diferente". (Rosa Luxemburgo)

"Liberdade é o direito de estar errado, e não de fazer errado". (John Diefenbaker)

"Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, no que respeita ao universo, ainda não adquiri a certeza absoluta". (Albert Einstein)

De repente, tudo mudou. Nas manifestações de segunda, 17 de junho, aconteceu algo excepcional, algo de inusitado e heroico, que remete ao extraordinário, ao imprevisto, ao grandioso. Bonita, magnífica, majestosa, em São Paulo, no Rio de Janeiro e pelo Brasil afora, a juventude saiu às ruas e fez tremer a Avenida Paulista e a Rio Branco, fez tremer os banqueiros, fazendeiros, empreiteiros, fez tremer os comandos das Polícias Militares, os governadores, prefeitos, deputados e até o último dos vereadores. Nesse dia, toda a ordem econômica, social e política que preserva o Brasil como um dos países mais injustos do mundo tremeu. Eles não podiam ir dormir. Tinham que procurar uma explicação. Porque eles precisavam entender porque são desprezados.

Foi surpreendente, mas sabíamos que teria que acontecer, que estava no horizonte, pelo que esperamos por vinte anos; esperamos, alguns, uma vida inteira. O que tinha sido, até então, em quatro passeatas corajosas em São Paulo, um protesto contra o aumento das passagens, se agigantou em manifestação política nacional e, de repente, tudo mudou. O capitalismo brasileiro, que estava comemorando as suas grandes obras, os seus estádios, suas hidrelétricas, foi para a cama de olhos arregalados, assustados.

Mudou porque esta geração da juventude, a mais escolarizada da história do Brasil, os desaprova, os condena, os odeia. Pior e mais importante que tudo, temem que a juventude esteja somente abrindo a porta para a entrada em cena da classe trabalhadora. Se os milhões de assalariados, que fazem o Brasil ser um dos países periféricos com um dos maiores proletariados do mundo, entrarem na briga, o que vai estar em disputa não será somente a anulação do aumento das passagens. Esta aliança da classe trabalhadora com a juventude é a maior força social que existe. Foi assim nas Diretas. Foi assim no Fora Collor.

Por que mudou? Mudou porque éramos muitos, éramos centenas de milhares, e isso faz toda a diferença. Mudou porque eram milhões que nos apoiavam. Mudou porque aqueles que não saíram nas ruas nessa semana virão nas próximas. Mudou porque nossos inimigos se calaram, silen-

ciaram, roendo as unhas. Mudou porque aquilo que é justo merece vencer. A alegria tomou conta das ruas e o medo tomou conta dos palácios. Eles gemeram, e nós cantamos.

Andamos, gritamos e cantamos, como deve ser. Aliás, como andamos em São Paulo! Muitos cartazes maravilhosos: "Se o povo acordar, eles não dormem!", "Não adianta atirar, as ideias são à prova de balas!", "Não é por centavos, é por direitos!", "Põe a tarifa na conta da Fifa!", "Verás que um filho teu não foge à luta!", "Se seu filho adoecer, leve-o ao estádio!", "Ô fardado, você também é explorado!".

Mas, se apareceu o que existe de mais generoso, valente e solidário no coração da juventude, apareceu, também, o que existe de ingênuo, confuso e até reacionário. Não foi tudo progressivo. Apareceram jovens embriagados de nacionalismo, embrulhados na bandeira nacional, e cantando "sou brasileiro com muito orgulho e muito amor". O nacionalismo é uma ideologia política perigosa. Só é positivo quando defende o Brasil do imperialismo. Acontece que não parecia que os que cantavam o hino estavam de acordo em exigir a anulação dos leilões de privatização, portanto, de desnacionalização do petróleo do Pré-Sal.

Alguns destes jovens fizeram ainda pior. Avançaram sobre militantes de esquerda e suas bandeiras. Atacaram as bandeiras do PSOL, do PCB e do PSTU. Por sorte, não aconteceu uma tragédia: porque a militância da esquerda tinha o direito e a disposição de defender suas bandeiras, a qualquer custo, e poderia ter se precipitado uma pancadaria séria, com feridos.

Gritar "sem violência" não é o mesmo que gritar "sem partidos". Quando gritamos juntos "sem violência" estamos denunciando a presença de provocadores infiltrados da polícia que querem oferecer um pretexto para a repressão. Não estamos condenando o direito legítimo à autodefesa, um direito inalienável, que qualquer um aprendeu no jardim de infância.

Estamos tentando impedir que nossas manifestações sejam destruídas pela repressão, e que esta repressão consiga ganhar apoio do povo contra a juventude. As televisões usaram e abusaram de imagens de uma estação de metrô depredada. O povo que trabalha é contra a destruição do metrô. Foi isso que Alckmin tentou fazer, por quatro vezes, manipular a população acusando a juventude de vandalismo, e foi derrotado.

Gritar "sem partidos", contra a esquerda, é muito diferente. Que uma parcela de juventude ingênua tenha profunda repugnância pela política, que associe toda a esquerda ao PT, o PT à corrupção, e o Haddad ao aumento, embora seja superficial, portanto, meia verdade e meia mentira, é compreensível. Que grupos reacionários, nacionalistas, que estão contra o governo Dilma pela ultradirei-

ta, que odeiam a esquerda porque ela representa o projeto coletivista e igualitarista da classe operária, aproveitem da confusão de uma manifestação com muitos milhares para expressar seu ódio de classe, insuflados por Jabor da Rede Globo, é previsível. Que alguns pequenos núcleos de inspiração anarquistas - não todos, vale ressalvar! - ainda insistam na divisão do movimento, querendo impor pela força dos gritos sua ideologia, é antidemocrático, divisionista, portanto, lamentável.

Mas o que aconteceu em São Paulo, no Rio de Janeiro e Salvador foi diferente e, muito, muito mais grave. Foi parecido com o Cairo, onde a Irmandade Muçulmana tentou impedir a esquerda de se apresentar publicamente.

O que aconteceu foi que jovens de rosto coberto, mascarados, alimentando a ilusão de que a intimidação física é o bastante para vencer na luta política, foram a linha de frente de um ataque covarde, quando estavam, acidentalmente, em maioria, e tentaram derrubar as bandeiras vermelhas. Não conseguiram fazê-lo, nem no Rio, nem em São Paulo, mas conseguiram em Salvador.

As lutas são apartidárias, mas não são monolíticas, são plurais. À exceção dos reacionários, marchamos todos juntos, não importa a ideologia, pelas reivindicações comuns que nos unem. Cada um abraça sua ideologia, seu programa e, se quiser, um partido. Sim, porque na vida, é preciso, mais cedo ou mais tarde, tomar partido. Mas, dentro do movimento ninguém pode impedir os outros de apresentarem sua identidade, ou de expressar sua posição.

O antipartidarismo, mais grave quando se dirige contra a esquerda socialista, é uma ideologia reacionária e tem nome: chama-se anticomunismo. Foi ela que envenenou o Brasil para justificar o golpe de 1964 e vinte anos de ditadura.

O PSTU vai empunhar suas bandeiras. O PCB e o PSOL certamente farão o mesmo. E os honestos anarquistas, aqueles que sabem que nenhuma aliança com a direita anticomunista é correta, com certeza terão a coragem de desfraldar suas bandeiras libertárias. Não deixem abaixar as bandeiras vermelhas. Foram os melhores filhos do povo que derramaram seu sangue pela defesa delas.

XERAS recomenda

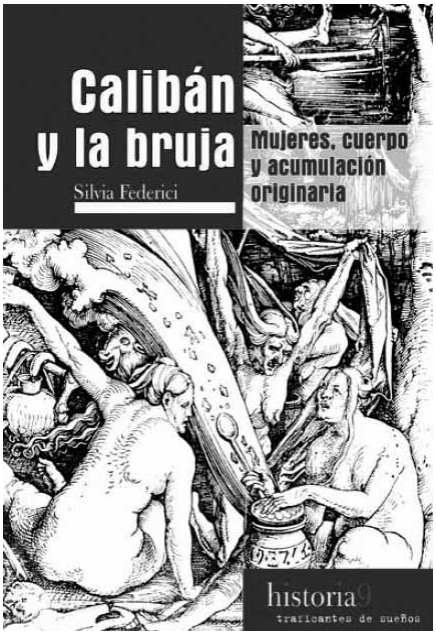
Livro

Música

Web

livro

Silvia Federici, Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation (ediçom espanhola: Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria, Traficantes de Sueños, 2004).



Este número do XERFAS é editado num contexto de dura ofensiva patriarcal que no Estado espanhol se está a veiculizar principalmente através dumha reforma da Lei do Aborto que pretende aniquilar a limitada capacidade de decisom que as mulheres temos sobre o nosso corpo e que para mais, custou décadas e décadas de luita feminista alcançar.

Pesquisar na história a razom da necessidade do sistema capitalista de exercer domínio sobre o corpo das mulheres é um dos objetivos que se propom Calibán y la bruja. Neste ensaio, Silvia Federici fai umha exaustiva e lúcida análise da história das mulheres na transiçom do feudalismo ao capitalismo, sustentando que a caça de bruxas que se estendeu durante os séculos XVI e XVII em Europa e na América tem umha funçom central à hora de compreender o desenvolvimento do capitalismo.

Federici examina aqui o conceito marxista de acumulaçom primitiva desde a perspetiva das mudanças que introduz na posiçom social das mulheres e na produçom da força de trabalho, incorporando assim fenómenos que estám completamente ausentes na obra de Marx e que a autora considera fundamentais para o processo de acumulaçom capitalista.

Em síntese, nesta obra defende-se a ideia de que a caça de bruxas que durante duzentos anos se saldou com o assassinato, perseguiçom e denigraçom de milhares de mulheres, foi um processo que supujo a destruçom do controlo das mesmas sobre o seu próprio corpo e sobre a sua capacidade reprodutiva, e que tivo como consequência a divisom sexual do trabalho que condena as mulheres ao trabalho reprodutivo.

Trata-se polo tanto dumha leitura imprescindível para podermos entender os esforços que a burguesia continua investindo

a dia de hoje para perpetuar o domínio sobre o corpo das mulheres e para limitar a nossa funçom social à reproduçom de força de trabalho.

web

http://creandopueblo.wordpress.com/

Umha das tarefas prioritárias da nossa corrente política é a formaçom, quer prática, quer teórica. E BRIGA, entidade juvenil, fai um especial finca-pê nesta questom devido à jovem idade de incorporaçom da maioria da nossa militáncia. Esta permite-nos modelar-nos na crítica e autocrítica, e colocar sobre a mesa o debate aberto e fomentar a participaçom e a proposiçom de leituras e análises conjunturais que solidificam a compreensom em comum da realidade e portanto a coincidência sobre como incidir nela para transformá-la. Nada do que aprendemos pode ser interiorizado sem aceitar a sua validade parcial, as suas limitaçons. Todo está sujeito a fatores que modificam a realidade, e esta nunca pode ser expressada doutrinariamente, pois do contrário nom haveria que estudá-la, mas assumi-la. Termos como "doutrinamento" ou "catequese" padecem pois dumhas conotaçons pejorativas que nom nos devem fazer esquecer que de jeito sinónimo podamos utilizar outras mais acaídas, como "ensino" ou "formaçom". Termos que, nom obstante, apelam a umha noçom mui próxima à daquelas outras: à aceitaçom compartida dumha determinada perspetiva da realidade. As ideias nom nascem em nós por geraçom espontánea, senom que surgem como resposta aos inúmeros estímulos externos que nos dotam dum pensamento concreto, ajeitado ao tempo e lugar em que nos encontramos. Nom deveríamos pois ficar complexad@s por colocar frente a um conhecimento "oficial", necessariamente, um outro. Mais ou menos detalhado, mais ou menos perfilado, mas firme e específico. Com nomes e apelidos. O marxismo como motor das nossas ideias é no caso de BRIGA a ferramenta de aproximaçom teórica à realidade que praticamos. E nom o ocultamos nem enganamos ninguém com isto. Mas para ser precis@s devemos dizer que o fazemos com o espírito da criatividade heroica que assim como na intervençom prática diária nas ruas, devemos também utilizar no estudo quer d@s clássic@s, quer d@s modern@s pensadores/as e teóric@s do marxismo. "Jaleo!!!", a juventude andaluza independentista, é umha organizaçom que pode pode pressumir da grande habilidade de ter colocado na rede um glossário apro-

priado para um fim ao qual aqui em Galiza como ali em Andaluzia nos devemos: o estudo. Umha biblioteca virtual em rede que desde há anos serve de fonte para obter acesso ao legado de centos de mentes que plasmárom em papel de mil e umha maneiras a teoria da emancipaçom humana, achegando-se a ela de milhares de localizaçons e experiências diferentes. É por isso que neste número promovemos este endereço web, com a esperança de que algum dia na Galiza a juventude poda ter fisicamente e também na rede umha compilaçom similar na nossa língua de obras para a rebeliom.

música

Nao: Este grupo de rock metal do sul da Galiza está composto por Jasper, guitarra e voz; Gus, guitarra; Paul, baixo, e Amós na bateria. Constituído há alguns anos, este grupo carateriza-se por umha força transformadora no referente ao som, assim como por umha metáfora integradora, com umha firme atitude e umha forte amizade.

Hoje em dia, Nao acaba de dar um passo mais na sua carreira musical, demonstrando que também através da música se pode aportar um grande esforço para mudar o rumo das cousas, das injustiças que o sistema em que vivemos depara à nossa naçom.

Neste sentido, e com umha melhor qualidade, tanto a nível musical como audiovisual, vai o seu último disco, Cançons de amor e de amizade, que já leva uns meses à venda e que poderás escuitar em vivo este verao, em festivais como Berra em Galego, Arde Rande ou na terceira festa da Arroutada, entre outros mais.

Fracasados de antemano: Grupo da Corunha, nascido no 2005, que mistura o rock, o ska, o reggae e o funk convertendo os seus discos e diretos numha verdadeira festa com letras engenhosas dispostas para a luita e o combate.

É esta variedade o que fai deste grupo um conjunto original que já os tem levado a diversos concertos e festivais por toda a nossa geografia.

Este ano, quando cumprem 8 desde o seu nascimento, a nossa organizaçom contará com eles para o concerto na véspera do dia da Pátria, com o galo da realizaçom da nossa IX Jornada de Rebeliom Juvenil.

IX jornada de rebeliom juvenil '13

BRIGA